

A SEDUÇÃO DAS RUAS*

Cléria Botelho da Costa**

Maria Helenice Barroso***

Resumo: buscamos analisar *A alma encantadora das ruas*, considerando a cidade imaginada pelo literato. Destacamos como pontos dessa leitura as ambiências das ruas e o *flâneur*. Partimos da compreensão de que História e literatura se interpenetram na composição da multidisciplinaridade. Assim, apreciaremos o livro como expressão do Brasil que se desenhava no início do século XX, na perspectiva de literatura como produzida em dado momento histórico.

Palavras-chave: Ambiência urbana. *Flâneur*. Modernidade. Literatura. **História**.

THE LURE OF THE STREETS

Abstract: we try to analyze *A alma encantadora das ruas* considering the city imagined by the writer. We highlight items such as reading the urban ambiance and the *flâneur*. We understand that history and literature are intertwined in the composition of a multidisciplinary approach. So appreciate the book as an expression of Brazil that was outlined at the beginning of the twentieth century, in view of literature as produced in a given historical moment.

Keywords: Urban ambiance. *Flâneur*. Modernity. Literature. History.

O presente artigo tem por objetivo ler o mosaico da vida urbana sinalizado na obra “*A alma encantadora das ruas*”, de João do Rio¹, destacando as diferentes ambiências das ruas e a atividade do *flâneur*. Para proceder a essa análise, torna-se importante considerar a cidade imaginada pelo literato e que nos é apresentada pelo seu *flâneur* carioca². No intento de proceder à leitura do referido livro cremos ser relevante contextualizar o Rio de Janeiro do fim do século XIX e início do século XX, período no qual foi escrito. Partimos da compreensão de que História e literatura se interpenetram na composição da multidisciplinaridade. Tanto a literatura oferece vestígios, indícios para a história quanto essa oferece pistas para a formulação que não seja refletida somente



pelo seu aspecto formal. Assim, o livro de João do Rio será apreciado como expressão de um Brasil que se desenhava no início do século XX, portanto, sob o olhar de que a literatura é produzida em um determinado momento histórico.

A instauração da República marca a criação de uma nova ordem, que imprime outro ritmo à sociedade carioca. A cidade, centro político, torna-se também o maior centro populacional do país, para onde converge grande volume dos recursos advindos da economia cafeeira. Essas são condições profícuas para a implantação e desenvolvimento das indústrias: recursos econômicos, mão-de-obra e consumidores. Esses fatores agregados fizeram com que o Rio de Janeiro se tornasse o maior centro comercial do país e, desse modo, estabeleceu-se contato comercial com países europeus e americanos. Para assegurar a entrada e permanência desse capital estrangeiro no Brasil, era preciso criar uma imagem de cidade capaz de oferecer aos investidores possibilidades de rentabilidade, bem como conforto e segurança para aplicação financeira. A burguesia insurgente, setores da intelectualidade carioca, bem como o poder político, estabeleceram como ideal criar uma imagem de progresso assentada na remodelação da cidade, tanto no que se refere ao modo de vida dos seus moradores quanto da estrutura urbana.

Naquele contexto histórico, pleitear tal modelo de desenvolvimento significava “alinhar-se com os padrões e o ritmo de desdobramento da economia europeia (SEU CENKO, 1995, p. 20), bem como de seus usos e costumes culturais. Assim, no descortinar do século XX, instaura-se no Rio de Janeiro uma vontade desenfreada de modernização, uma incessante busca de civilidade, que provocou grande anseio por reformas de toda ordem: econômicas, culturais, políticas e do próprio traçado arquitetônico da cidade.

No afã de remodelar totalmente a cidade sob novos parâmetros, um verdadeiro furacão regenerador se fez presente: redes ferroviárias ampliadas, campanhas sanitárias empreendidas, avenidas alargadas, casebres derrubados, tudo aquilo que poderia nos identificar com uma sociedade atrasada foi sendo veementemente varrido para fora desse novo traçado urbano. De acordo com Sevcenko, na prática a era da regeneração apresenta como corolário a extirpação de costumes da sociedade tradicional, a negação da cultura popular, a expulsão das classes pobres do centro urbano para as áreas periféricas e adoção de um modo de vida totalmente assentado em padrões parisienses, assim, a inserção do Brasil na nova ordem mundial pressupõe a europeização do país. Rodrigues Alves e Pereira Passos querem transformar o Rio de Janeiro no símbolo de modernidade, de civilidade, ou seja, a vitrine capaz de mostrar a cara do Brasil para o mundo.

Esse espírito remodelador se faz presente de modo deveras pulsante n’*A alma encantadora das ruas* e nosso intento é exatamente perceber como foi captada por João do Rio a vida cotidiana de uma cidade inserida no seio desse furacão da modernidade, que a um só tempo se faz devastador e instituidor de uma nova ordem. O próprio João do Rio deixa perceber sua intenção em retratar nos seus escritos a vontade em contar a vida vertiginosa da cidade nesse princípio de século: “... eu tentei ser o reflexo tumultuário de transformações e que, nos meus livros, não está a obra prima mas em todos os aspectos morais, mentais, políticos, sociais, mundanos, ideológicos, práticos – a vida do Rio...” (RIO, 2008, p. 17).

Para captar a alma da cidade, João do Rio apresenta o personagem Eduardo, que percorre com seu amigo as ruas, adotando uma atitude do *flâneur*. Eduardo, observador inteligente, vagueia pela cidade percorrendo seus espaços e desvendando um vasto universo, onde circulam atores sociais portadores das mais variadas características. Mostra como esses atores, a partir do ordinário vão construindo as suas representações assentadas no imaginário e no simbólico, culturalmente constituídos. O *flâneur* de João do Rio, no seu caminhar de observador atento, paulatinamente descortina as diferentes ambiências da cidade, formada por suas inúmeras ruas, como parte de um processo eminentemente coletivo e enraizado em um espaço construído a partir do material e do não-material.

Segundo João do Rio, os dicionários explicam a rua numa gramática fácil e linear, como sendo “apenas um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações...”⁵ Sob esse ponto de vista as ruas da cidade passam a ser idealizadas como um grande projeto arquitetônico, capaz de permitir percorrer a cidade de modo eficiente, valorizar o racionalismo e a lógica urbanística da modernidade.

Assim também o é na percepção dos estudos históricos seguidores da lógica da economia capitalista fundamentados naquilo que pode ser contabilizado, mensurado. Essa é uma dimensão dos estudos historiográficos que a leitura de João do Rio pode ajudar a subverter. Ele encaminha um outro



olhar para a leitura do mundo, voltado para as emoções, para o afetivo, lição que a história vem se apropriando no presente.

Sob perspectiva racionalista, tais estudos não levam em conta a efervescência que se instaura na rua, fator de construção de toda ambiência urbana. Essa efervescência percebida e valorizada por João do Rio quando afirma que a rua é bem mais que sulcos por onde as pessoas transitam:

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! [...] A rua é o aplauso dos mediocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte [...] A rua é generosa [...] A rua é transformadoras da línguas [...] a rua continua, matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é patrimônio clássico dos léxicos futuros (RIO, 2008, p. 29).

Deste modo, a rua é narrada por ele como um espaço que institui e destitui saberes, que construída/reconstruída e apropriada pelos sujeitos sociais que nela transitam, produzindo o tecido social urbano, que em João do Rio encontra-se revestido e perpassado de desordem, imperfeição, confusão, mas também de harmonia, beleza, afetos e paixões. Essa mistura de ódio, paixão, afetos, desafetos que perambulam pelas ruas do Rio de Janeiro evidencia o pluralismo da vida cotidiana na *urbs*; encarna, em cada rua, o espírito prazeroso e atraente, que confere a ela uma alma ou uma aura, se pensarmos sob o olhar benjaminiano.

N' *A alma encantadora das ruas*, a essência do ambiente, impregnada pelas marcas do cotidiano, apresenta-se como o resultado da combinação entre fazer humano, gerador da transformação da natureza, e vai além da ação técnica do homem; realça a experiência humana. Existe, então, uma “dimensão oculta”, invisível, onde, segundo Edmilson (RODRIGUES; MOREIRA, 1996, p. 55-78) se processam todas as relações humanas, onde a cultura urbana toma forma, sendo construída pelas experiências, pelos pensamentos, pelo cotidiano urbano, solo no qual as coisas adquirem sentidos e significados.

Segundo as reflexões de Certeau (2002, p. 172), a “cidade” apontada pelo discurso utópico e urbanístico” realça um espaço racionalmente organizado, onde a resistência das tradições está submetida a um não-tempo e, principalmente, onde a própria cidade, sujeito anônimo e universal, privilegia a ideia de progresso, de assepsia. No entanto, como demonstra o referido autor, “temos de constatar que se, no discurso, a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias socioeconômicas e políticas, a vida urbana deixa sempre mais a remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluiu” (CERTEAU, 2002, p. 174). O mundo urbano, também presente na escrita de João do Rio, deve ser percebido não apenas como um espaço onde se reúne um conglomerado de pessoas, nem tão pouco pode ser racionalmente dirigido por aqueles que o idealizaram ou que o querem sob seu controle, mas sobretudo como lugar de intensas e variadas vivências do indivíduo e da coletividade.

João do Rio faz uma abordagem acerca do caráter de relações multifacetadas das ruas, onde se encontram presentificadas diferentes maneiras de fazer, de caminhar, de viver a e na cidade, cujos elementos podem estar visíveis aos olhos, mas outros tantos somente podem ser sentidos. Segundo ele, o nascimento de uma rua mostra bem essa relação do visível com o invisível, do material com o não-material:

[...] Um belo dia alinha-se um tarrascal, corta-se um trecho de chácara, aterra-se um lameiro, e aí está: nasceu mais uma rua. [...] Um dia cercam à beira um lote de terreno. Surgem em seguida os alicerces de uma casa. Depois de outra e mais outra. Um combustor de tremeluz indicando que ela já não se deita com as primeiras sombras. Três ou quatro habitantes proclamam a sua salubridade ou o seu sossego [...] Aparece a primeira reclamação nos jornais contra a lama ou o capim. É o batismo. [...] É a estreia na celebridade, que exige o calçamento ou o prolongamento da linha de bondes [...] (RIO, 2008, p. 33-4).

Nesse trecho é possível perceber diferentes nuances da rua: sua construção física enquanto obra coletiva e também individual, assentada em um espaço; canal de circulação de ideias e mercadorias; espaço ao qual diferentes sentidos e significados podem ser atribuídos pelos sujeitos sociais que o habitam. Também é possível perceber um marco da modernidade, seu manancial tecnológico que chega provocando profundas mudanças no cotidiano: os bondes que cortam as ruas esburacadas; a luz que permite dormir mais tarde; os indivíduos que reivindicam seus direitos nas páginas dos jornais... Neste vai e vem constante, no seio das diferenças vai se criando a fisionomia das ruas.



Pois sim, as ruas têm “fisionomia e alma”! Isso é que João do Rio deixa entrever ao longo seu texto:

Oh! Sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem histórias, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, *snoobs*, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue... (RIO, 2002, p. 34).

Com base nessa ideia de essência definidora da atmosfera da rua, João do Rio desfia diante de nossos olhos variadas ruas da cidade do Rio de Janeiro que passaram por grandes transformações na busca de adequar-se as exigências da modernidade e, desse modo, foi-se criando nelas uma ambiência peculiar onde estão presentes elementos definidores.

De acordo com o livro *A alma encantadora das ruas*, vejamos: a Rua do Ouvidor, fanfarrona, exagerada, beco de pose, de vaidade, de inveja e de futilidade; a Rua da Misericórdia, a primeira rua do Rio, onde passaram desde os vice-reis malandros, a toda espécie de gente (escravos, senhores em rede, índios batidos, negros presos a ferro), nela ecoou o grito de misericórdia.

João do Rio dá indicações de que com as reformas remodeladoras do início do século, ruas mudaram de lugar e de fisionomia: a Rua dos Ourives, que vai há lugares antes não imaginados; a Rua da Quitanda, de pouco honesta passa por tomar vergonha; a Rua das Laranjeiras, conserva sua fidalguia; o largo da Moura, primeiro, rua da forca, depois, do necrotério, rua onde se sente o arrepio da morte, mesmo depois de alargada, com prédios novos ainda se sente nela a impressão do horror ali vivido nos enforcamentos dos negros dos trapiches⁴. Segundo ele, cada rua tem sua própria vocação, “as ruas pensam, têm ideias, filosofia e religião” (RIO, 2008, p. 38). Há aquelas ruas que nascem sob o signo da alegria, do vício, dos prazeres, da intimidade, da elegância, da exploração, do medo, da melancolia... e tantos outros sentimentos, que são melhor percebidos em horas tardias.

Assim, o mosaico do modo de vida urbano é constituído pelos pequenos acontecimentos e pela banalidade da vida cotidiana dos diferentes sujeitos sociais, territorializados nas diferentes ruas, marcadas por acontecimentos, modos de fazer, dizer e sentir de seus habitantes e transeuntes. É esse mosaico que forma o substrato social que compõe a comunidade, é o sustentáculo da polifonia de vozes dos sujeitos sociais nas grandes cidades. Esse algo nebuloso e não palpável, invisível aos olhos, é o que define ambiência. Cada ambiência constrói sua essência própria, única e não idêntica.

Simmel (1976, p. 11-25) observa que a megalópole da era da modernidade é o *locus* da precisão racional, da pontualidade, do relógio, da calculabilidade e do anonimato, uma concepção racionalista da cidade. Todavia, a representação da cidade na obra de João do Rio é pautada, sobretudo em dimensões invisíveis do cotidiano dos homens como a sede da socialidade e da afetividade. A cidade é o espaço onde se pode morar, trabalhar, amar, sofrer, perambular, um espaço que congrega dores, alegrias, conflitos, disputas, temores, um espaço demarcado pela ação coletiva, fator de extrema importância no quadro constitutivo da ambiência urbana.

O urbano encontra-se representado nos lugares de reunião, nos pontos de encontros, no local de trabalho e ou de lazer. As relações de socialidade estabelecidas em cada um desses espaços apresentam características específicas e possuem particularidades marcantes. Notadamente, a forma como um indivíduo ou grupo social se insere nos diferentes espaços urbanos não são homogêneos. A respeito dos diversos espaços urbanos e o modo como as pessoas interagem neles, é importante observar que apresentam um quadro próprio resultante dos anseios, das estratégias e das múltiplas práticas cotidianamente engendradas pelos atores sociais que efetivamente os entrecruzam.

Vista sob esse prisma a cidade apresenta-se como sendo formada por diversas ambiências onde os seus habitantes compartilham no dia-a-dia o prazer e os conflitos de viver com o outro. Percebemos que a cidade, através das suas diferentes ruas, do bar, da igreja, das praças, das ruas, dos bairros, permite conhecer e entender as suas variadas faces, já que a ligação do indivíduo ou grupo ao território está perpassada pelas mais diferentes práticas da vida cotidiana, pelas memórias individuais e coletivas e também pelo imaginário. O sujeito tem enraizado em suas memórias espaciais aspectos significativos referentes à sua infância, tempo bom, tempo ruim, “outras épocas”, quase sempre vistas e sentidas como sendo melhores que o agora.

Como já demonstrado anteriormente, a cidade não é homogênea, cada rua tem seu corolário próprio, assim é também necessário abordamos a rua como sendo o *locus* que além do barulho, da



violência, da desordem pode ser vista/vivida/sentida/lembrada como lugar do reconhecimento e do sentimento de pertencer. É na rua onde, quando criança, joga-se “pelada”, brinca-se de “bete”, senta-se na calçada para conversar com o vizinho, pequenas banalidades que acompanham as memórias, no trânsito dos sujeitos sociais pela vida afora.

Destarte, nem todos os sujeitos que habitam a cidade dela se apropriam, nela têm oportunidade de integração em seu modo de vida, seus projetos, suas propostas se degridam em disputa para encontrar em encontrar um espaço digno para nela sobreviver, são vozes dissonantes que entoam músicas que desafinam a orquestra da história oficial, em outros termos, são os excluídos. Esse quadro das cidades, comum no presente, já ecoava no Brasil de outrora, desde os tempos coloniais. E João do Rio, na obra em discussão, já sinaliza no Rio de Janeiro, sujeitos cujas vozes se mostravam como destoantes – prostitutas, tatuadores, vendedores ambulantes, asiáticos, artistas de rua, presidiários, que viviam à margem das grandes decisões do país embora, alguns deles já levantassem suas vozes, pouco ou nunca foram escutadas. Com isso, não queremos fazer a equivalência entre literatura e história, entre história e ficção, mas mostrar que a literatura se forja no histórico social e embora não seja um retrato da realidade, dela se aproxima, estamos então nos referindo a verossimilhança entre literatura e realidade.

João do Rio, no decorrer do seu trabalho deixa ver a história do homem comum, não daquele aclamado pelos jornais, mas daquele que pinta no dia-a-dia “[...] lições de filosofia nos borrões sem perspectiva e nas “botas” sem desenho [...]” (RIO, 2008, p. 92). Desses homens e mulheres comuns, o autor nos permite ouvir os rumores da música, do ópio, do deboche, da arte e da miséria que permeiam as ruas. Ainda em tempos de início da modernidade carioca, ele já proclamava a morte aos heróis, colocando em cena os pequenos feitos cotidianos, as banalidades vividas de forma coletiva, voltadas para a busca da felicidade imediata, para a realização dos prazeres do dia-a-dia e para a construção de sentidos dentro do conjunto da vida social.

João do Rio, na referida obra deixa entrever um desfile de grupos dissonantes, marginais que buscam, além do estar-junto para compartilhar de forma hedonista a criação de mecanismos possibilitadores da ação, propicia a apropriação de um determinado espaço, o desenvolvimento de práticas sociais que permitem aos indivíduos viverem na sociedade industrial. Ressalta o autor que o modo de viver na miséria percebido, descortina-se sem perder a ludicidade, o encantamento, a alegria, em fim a poesia e a aventura de viver uma vida que “[...] redobrava aí de intensidade, não de trabalho, mas de deboche [...]” (RIO, 2008, p. 59).

Assim é possível dizer que o autor experimenta e observa as máscaras e os papéis sociais que estão arraigados no coletivo dessas ambiências e que se configuram compondo a cenografia urbana. Vê-se, portanto, que o sujeito transita pelos diversos espaços sociais e que em cada um deles desempenha um papel apropriado a esse ou aquele lugar, apresentando e vivenciando suas múltiplas identidades. Vejamos:

Em Botafogo, à sombra das árvores do parque ou no grande portão, Julieta espera Romeu, elegante e solitária; em Haddock Lobo, Julieta garruleia em bandos pela calçada; e nas casas humildes da Cidade Nova, Julieta, que trabalhou todo o dia pensando nessa hora fugaz, pende à janela o seu busto formoso... (RIO, 2008, p. 42).

De acordo com estudos sobre o modo de vida urbana realizada por Maffesoli, é o ritmo que garante a estabilidade e o equilíbrio na ligação dos contrários, permitindo o fluir da vida comunitária. Ritmo esse que corresponde a uma lógica onde o indivíduo cria seu equilíbrio interno em relação ao outro, que por sua vez faz a mesma coisa e todos juntos compõem a estabilidade do todo coletivo. Todo, porém não uno. O ritmo permite colocar os diversos elementos heterogêneos em relação com os outros e ainda assim proporcionar a harmonia coletiva que estimula a formação de microcosmos – tribos, clãs, pequenos grupos de afinidades dentro do macrocosmo social (MAFFESOLI, 1984, p. 173-213).

FLÂNERIE – UMA ETERNA BUSCA

Alguns estudiosos das ciências sociais vêm observando a existência de uma ambiguidade no modo de vida do homem urbano. Muitos afirmam que a modernidade intensifica a necessidade de enraizamento, de pertencimento desse ser urbano a uma comunidade, ao mesmo tempo que promove o nomadismo, a migração constante.



Essa tentativa de subversão dos princípios da modernidade com a valorização do ócio em detrimento dos negócios encontra-se também desvelada em *A alma encantadora das ruas*. A *flânerie* constitui-se em um estratagema utilizado por João do Rio para observar aqueles sujeitos sociais que compõem a outra imagem do Rio de Janeiro, a imagem da cidade invisível. Como nos diz Georges Duby, aquilo que durante muito tempo esteve soterrado pela história positivista nos arquivos de documentos oficiais é que a Nova História pretende desvelar. A partir dessa idéia os historiadores redescobrem os objetos mais humildes, os “estilhaços menos nobres”, os ínfimos vestígios da vida dos simples, não mais apenas interessa a cultura dos poderosos (DUBY, 1989, p. 61-74). É desta busca que nos ocupamos.

Mas, o que significa ser um *flâneur*?

Em grande parte da literatura contemporânea é abordada como sinônimo de perda de sentido da vida. É como se o indivíduo tivesse chegado ao “fundo do poço”, lugar onde não mais existe prazer nem tão pouco vontade de vida ou de construção de projetos. Contudo, o *flâneur*, em João do Rio, aparece como aquele que vive as ruas com espírito descomprometido, vagabundo e curioso, buscando compreender e também gozar as delícias que ela oferece; é, pois, um artista que busca uma outra estética para a vida social. O *flâneur* carioca assume a ideia de que

[...] todo espetáculo da cidade foi feito especialmente para seu gozo próprio. O balão que sobe ao meio dia no Castelo, sobe para seu prazer; as bandas de música tocam nas praças para alegrá-lo; se num beco perdido há uma serenata com violões chorosos, a serenata e os violões estão ali para diverti-lo. E de tanto ver o que os outros quase não podem entrever, o *flâneur* reflete. [...] Quando *flâneur* deduz, ei-lo a concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas. E é então que haveis de pasmar da futilidade do mundo e da inconcebível futilidade dos pedestres da poesia de observação... (RIO, 2008, p. 32).

Ao citar Benjamin (1995, p. 38) diz que:

o *flâneur* chega a ser um detetive contra a sua própria vontade, trata-se de algo que socialmente lhe cai muito bem. Legítima a sua vagabundagem. A sua indolência é apenas aparente. Atrás dela se esconde a vigilância de um observador que não perde o malfeitor de vista. Assim, o detetive vê se abrirem vastos campos à sua sensibilidade. Ele constitui forma de reação adequadas ao ritmo da cidade grande.

Aqui o *flâneur* é aquele que se coloca em estado permanente de vigília, seu ócio é apenas aparente, seu caminhar é em direção ao ritmo da grande cidade para especular, busca pistas nas galerias de um mundo em miniatura, um mundo a ser decifrado no seio da multidão. A *flânerie*, para João do Rio, é tida como algo mágico, é a diferença entre perambular e perambular com inteligência.

[...] Flanar! Ai está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! [...] Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina [...] É estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja... É vagabundagem? Talvez [...] (RIO, 2008, p. 31).

Na modernidade, o nomadismo promove a circulação da mercadoria, mas também dos sentimentos e das ideias. Essa circulação, esse trânsito do viajante pode ser perigoso para o instituído, pois leva e trás novidades que balançam as estruturas da sociedade, dessa forma o nômade torna-se aquele que será o instituidor de novos valores, desejos e sentimentos.

Por isso mesmo, muito constantemente, em nossa sociedade onde o valor é atribuído pela produção econômica, o *flâneur*, sob a capa da falsa moralidade, é criticado como sendo uma figura que representa o ócio, a vadiagem. É olhando com desconfiança, pois com sua atitude de imobilidade irreverente incomoda, sacode determinismo, demonstra seu descontentamento contra a ordem instituída.

Em João do Rio, ao mesmo tempo em que o *flâneur* apresenta-se como um ingênuo de olhar sereno, encontra-se imbuído de espírito investigativo, curioso, reflexivo e destemido que empreende as suas andanças buscando apreender os sentidos da vida social como alternativa para realizar a comunhão grupal e canalizar a efervescência na derrubada das amarras construídas com a fixação das residências. É possível ver a dualidade dos sentimentos – alegria, a paixão, mas também a insubordinação e



a crítica – do *flâneur* quando fala sobre a rua. “A rua é a civilização da estrada. Onde morre o grande caminho começa a rua, e, por isso, ela está para a grande cidade como a estrada está para o mundo. (RIO, 2008, p. 40, grifo nono). Desse modo, a rua coloca-se como um eterno e irresistível convite ao ato de perambular. De caminhar para descobrir, vadiar, conhecer e viver! Viver no redemoinho da vida no seio do furacão, que se configura na rua!

O sedentarismo se apresenta como a possibilidade de se deixar dominar. O domínio de um grupo sobre outro advém do conhecer, corolário daquilo que por ser imóvel se deixa ver, isto é, previsível e estático é passível de ser observado, de ser conhecido. A imobilização tem uma função, profissional, ideológica, significa um fechamento e provavelmente a “morte”, morte das potencialidades do indivíduo. Para o poder, o perambular é fatal, pois não se pode controlar o que é movediço. O ser movente, como água, escorre por entre as garras do poder. Assim sendo, “o ideal do poder é a imobilidade absoluta, da qual a morte é, com toda segurança, o exemplo acabado” (MAFFESOLI, 2001, p. 26).

Para Certeau, essa mobilidade, ou seja, o caminhar, é “um estilo de apreensão táctil de apropriação cinésica. (...) Os jogos dos passos moldam os espaços. Tecem os lugares. Ele estabelece uma comparação do caminhar com o ato de falar e diz que como uma enunciação o ato de caminhar “é um processo de *apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre (...); é uma *realização* espacial do lugar (...); enfim, implica *relações* entre posições diferenciadas, ou seja, “contratos” pragmáticos sob a forma de movimentos” (CERTEAU, 2002, p. 176-7).

Assim sendo, o caminhar, além de construir os espaços, também podemos dizer que é esse ato a antítese da morte, ou seja, é na prática do caminhar que o indivíduo se revitaliza, se “reenergiza”, em um processo de busca de forças para caminhar pela vida afora. Assim, é na caminhada pela rua que o *flâneur* recolhe “*para o homem todos os ideais, os mais confusos, os mais antagônicos, os mais estranhos, desde a noção de liberdade e de difamação – ideias gerais – até a aspiração de dinheiro, de alegria e de amor, ideias particulares*”. Para o indivíduo, o grande desafio da vida é dar sentido às coisas da alma e, esse sentido só será encontrado na convivência com o diferente, com os “contrários”.

A cidade é o espaço onde o *flâneur* pode experimentar emoções, sentimentos, paixões, onde se vive o jogo dessa diferença, onde se dá a construção da trama social produzida por vozes anônimas que se desconhecem, mas se entrecruzam numa mistura alucinógena de sentimentos e conflitos. Ao mesmo tempo em que permite a autonomia e a liberdade, reforça o fato de que o indivíduo só existe em relação ao outro, na relação com o outro e sob o olhar do outro.

Notas

¹ João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, também conhecido como Paulo Barreto, foi cronista, jornalista, contista e teatrólogo. Nasceu no Rio de Janeiro, em 05 de agosto de 1881 e faleceu na mesma cidade, em 23 de junho de 1921. Entre sua obra, além da colaboração em diferentes jornais cariocas – cujos escritos foram posteriormente compilados em livros, temos: *As religiões do Rio*, reportagens (1905), *Chic-chic*, teatro (1906), *A última noite*, teatro (1907), *O momento literário*, inquérito (1907), ***A alma encantadora das ruas, crônicas (1908)***, *Cinematógrafo*, crônicas (1909), *Dentro da noite*, contos (1910), *Vida vertiginosa*, crônicas (1911), *Os dias passam*, crônicas (1909), *Dentro da noite*, contos (1910), *Vida vertiginosa*, crônicas (1911), *Os dias passam*, crônicas (1912), *A bela madame Vargas*, teatro (1912), *A profissão de Jacques Pedreira*, novela (1913), *Eva*, teatro (1915), *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar* (1916), *No tempo de Wenceslau*, crônicas (1916), *A correspondência de uma estação de cura*, romance (1918), *Na conferência da paz*, inquérito (1919), *A mulher e os espelhos*, contos (1919). Ver em: <<http://pt.shvoong.com/books/biography/1659861-jo%C3%A3o-rio-vida-obra/>> (acesso em: 31.05.2011 às 11:11).

² João do Rio, em *A Alma encantadora das ruas*, assim como Benjamin, também incorpora a seus escritos a figura do *flâneur* que perambula pelas ruas desnudando a sociedade carioca no princípio da modernidade. Ver: Benjamin (1995) e Rio (2008).

³ Domingo Vieira, dicionarista português, *apud* João do Rio, falando do modo como os dicionários tratam a rua. Ver Rio (2008), p. 29).

⁴ Usando cores para demarcar as ruas que contam a história de sua vida em Berlim, Benjamin imagina um mapa particular de memória afetiva de sua cidade natal. Neste, os diferentes espaços urbanos são construídos tendo em vista as relações afetivas vivenciadas por Benjamin em cada lugar. Ver Bolle, (1999, p. 96-97).

⁵ Maffesoli (1984, p. 52-63), no decorrer de seus estudos estabelece uma distinção entre sociabilidade (referente a aspectos jurídicos das relações) e socialidade (ligado afetivo). Aqui especialmente nos interessa a noção de socialidade.



Referências

- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 2 ed. São Paulo: Edusp; Brasília: Hucitec, 1993.
- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo, 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. Obras Escolhidas, v. III.
- BOLLE, Willi. *A metrópole como médium-de-reflexão*, In: SELIGMANN – SILVA, Márcio (Org.). Leituras de Walter Benjamin. São Paulo: FAPSEP; Annablume, 1999.
- BRESCIANI, Maria Stella M. Cultura e história: uma aproximação possível. In: PAIVA, Márcia de; MOREIRA, Maria Éster (Orgs.). *Cultura substantivo plural*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1998.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*. Rio: Graal, 1986.
- DUBY, Georges; LARDREAU, Guy. *Diálogos sobre a nova história*. Tradução de Teresa Meneses. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- _____. *No fundo das Aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Sobre o nomadismo – vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, UNESCO, 2001.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigação em psicologia social*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Vozes, 2003.
- RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. Cultura Urbana e Modernidade: um exercício Interpretativo. In: PAIVA, Márcia de; MOREIRA, Maria Éster (Orgs.). *Cultura substantivo plural*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SILVA, Juremir Machado da. *Anjos da perdição: futuro e presente na cultura brasileira*. Porto Alegre: Sulina, 1996.
- SIMMEL, Georg. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- * Recebido em: 10.10.2010.
Aprovado em: 25.02.2010.
- ** Professora adjunta do Departamento de História da Universidade de Brasília, em nível de graduação e de pós-graduação. Coordena o Núcleo de História Oral e Memória da Universidade de Brasília e integra o Comitê Científico da Associação Latino-Americana de História Oral. Publicou os livros: *Lutas e esperanças dos sem terra; Memória e cidadania* e organizou as coletâneas: *Imaginário & História; Contar História, Fazer História e Um passeio com Clío; Literatura e História*, além de vários artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais. *E-mail*: cleriabotelho@gmail.com
- *** Mestra em História pela Universidade de Brasília, Doutoranda em História na Universidade de Brasília. Publicou o livro: *Os cordelistas no DF: dedilhando a viola, contando a história*. *E-mail*: helebarroso@gmail.com.

